

5 Pesquisa de campo: um olhar psicanalítico sobre a mulher rural

O fato de ter me transferido para o município de Nova Friburgo em 2001, despertou-me a curiosidade de estudar as mulheres que moravam “na roça” e como já vinha há alguns anos trabalhando a questão da feminilidade em psicanálise, levantei a seguinte indagação: como as mulheres rurais se posicionavam subjetivamente em referência à feminilidade? Com o objetivo de responder a esta questão, desenvolvi uma pesquisa de campo sobre a experiência da feminilidade em uma comunidade rural, buscando, então, verificar de que maneira a psicanálise pode contribuir na compreensão dessa experiência.

Sabemos que o rural vem se modificando e, de acordo com vários pesquisadores (Brumer, 2004; Carneiro, 1995; Schaaf, 2003), esse processo é mais acelerado do que os expectadores do meio urbano podem constatar. Os diversos espaços rurais tornam-se cada vez mais heterogêneos e não exclusivamente agrícolas, promovendo uma série de mudanças para aqueles que vivem da agricultura. Dentro dessa perspectiva, pesquisamos, então, as repercussões subjetivas dessas mudanças nas mulheres do contexto rural.

O primeiro contato com o meio rural foi em Riograndina, distrito do município de Nova Friburgo e se deu pela realização de um trabalho voluntário em 2002 como psicóloga do posto de saúde, onde eram realizados encontros em grupo com mulheres da comunidade. Esse trabalho durou aproximadamente seis meses. Ao longo desse período, uma das agentes comunitárias, responsável pela área de Janela das Andorinhas (30 minutos de Riograndina), informou-me que as mulheres daquela comunidade também tinham interesse em participar dos encontros, mas não tinham como se deslocar até o posto. Assim, dispusemo-nos a ir até lá.

Recordo-me que fomos em uma Kombi da prefeitura. O motorista entrou por uma estrada de terra “sem fim”, cheia de árvores e plantações com pouquíssimas casas. Depois de um período longo de estrada, vimos então uma placa de madeira escrita “Janela das Andorinhas”, e para lá nos dirigimos.

Durante 2002, realizamos vários encontros em grupo com as mulheres dessa comunidade. Nessa época, fui convidada a trabalhar na ONG *Ser Mulher* e a partir daí esse pequeno grupo de mulheres também se articulou ao *Ser Mulher*, participando de diferentes atividades como palestras, dinâmicas de grupo, contação de histórias, etc. Esse passo inicial foi fundamental para então, em 2006, realizar a pesquisa de campo propriamente dita na comunidade de Janela das Andorinhas.

Esta inserção no espaço rural me fez deparar com uma realidade absolutamente nova. Janela das Andorinhas era uma comunidade coberta de plantações com casas distantes umas das outras, onde havia somente uma mercearia, um campo de futebol, uma igreja com uma cozinha comunitária em anexo e uma pequena escola. Não havia nenhuma praça e nem posto de saúde no local.

As mulheres, em sua maioria, andavam de saia, cabelos compridos, com tranças ou coques. Mostraram-se receptivas à minha chegada, referindo-se à existência de poucas atividades para as mulheres no local em comparação aos homens que freqüentavam o campo de futebol, a sauna e o bar, lugares em que elas não eram bem-vindas; isto é, os homens não costumavam permitir mulheres nesses lugares, afirmando que o lugar delas era em casa. As que desobedeciam, eram marginalizadas. Em nossas rodas de conversas, afirmavam que a maioria das mulheres era muito desanimada, ou seja, saía pouco de casa e não realizava atividades em conjunto. No entanto, elas contavam que, antes da chegada da televisão, costumavam ir à casa dos vizinhos, e, enquanto conversavam, as crianças brincavam, diferentemente de hoje em dia, quando cada um fica na sua casa, assistindo aos programas de televisão.

O trabalho da pesquisa de campo foi realizado dentro do contexto dessa comunidade rural, com aspectos culturais e sociais específicos, associados às influências que chegam por meio de uma maior aproximação entre o urbano e o rural.

5.1. Metodologia e entrevista

Optamos por utilizar a metodologia de pesquisa qualitativa, pois consideramos a realização de entrevistas um método privilegiado de acesso ao sujeito e ao contexto que o constitui. Tal trabalho teve por referência uma metodologia qualitativa particular, denominada Método de Explicitação do Discurso Subjacente- MEDS⁹, cujo eixo central foi construído tendo por base o papel da linguagem no discurso. O MEDS é o resultado de diferentes procedimentos metodológicos construídos ao longo de duas décadas de pesquisa em psicologia clínica, sendo fruto de diferentes campos interdisciplinares (p.5). Assim, privilegia a idéia de realizar as entrevistas em contextos naturais e informais como uma maneira de facilitar o processo da entrevista na medida em que os entrevistados se sentem mais confortáveis para falar de sua experiência. Além disso, parte do pressuposto de que “o modo como pensamos, agimos e sentimos são socialmente construídos”(p.8), ou seja, de que estamos referidos a um determinado contexto social. A sua terceira referência vem da psicanálise por intermédio do uso da técnica da associação livre, em que o entrevistador procura não interferir no discurso do entrevistado e da atenção flutuante, em que se busca ouvir detalhadamente o entrevistado, exercitando a capacidade de não pré-determinar uma idéia. Dessa forma, o discurso do entrevistado passa a ser concebido como uma maneira de ter acesso a dados do inconsciente e ao desejo, como também aos conflitos do sujeito.

O MEDS também objetiva investigar as transformações e conflitos subjetivos resultantes de mudanças socioculturais geradas por fatores de ordem econômica, política e tecnológica, o que o aproxima do trabalho de pesquisa que desenvolvemos, pois nosso interesse está voltado para as mudanças hoje no contexto rural e os efeitos subjetivos delas decorrentes.

Mediante a proposta do MEDS, optamos por realizar entrevistas individuais, que duraram em torno de uma hora, sendo o local escolhido de acordo com a conveniência das entrevistadas, variando entre a própria casa e a área central onde ficavam a igreja e a cozinha comunitária. Buscamos realizar as

⁹ Material didático produzido por Ana Maria Nicolaci da Costa e apresentado no seminário “Análise de Discurso” na Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro no primeiro semestre de 2006.

entrevistas de maneira informal, próximo a conversas. Seguimos a orientação sugerida por Nicolaci-da-Costa (2006) de que o entrevistador necessita de “um roteiro estruturado que deverá ser aplicado de forma flexível para respeitar o fluxo de associações do entrevistado” (p.16); isto é, o entrevistador possui um número de tópicos a serem abordados; no entanto, a ordem das perguntas pode ser alterada de acordo com o decorrer da entrevista. O importante é que todos os tópicos sejam abordados para que – em um momento posterior – se realize a análise do material em conjunto.

O roteiro elaborado para a pesquisa abrangia os seguintes tópicos: experiência de ser mulher, concepção de feminino, inserção no espaço público e a relação com a maternidade. As entrevistas englobaram todos os tópicos e foram gravadas (com o consentimento das entrevistadas) e transcritas integralmente para a posterior análise. Partindo, então, dos tópicos e do desenvolvimento de nossa pesquisa teórica, construímos quatro categorias de análise. Além disso, há uma categoria que foi elaborada após a primeira leitura do material da pesquisa de campo, sendo fruto do trabalho empírico. Assim sendo, as categorias de análise são:

a) Maternidade

A maternidade é considerada uma categoria privilegiada para estudar os percursos subjetivos das mulheres, sob a ótica da psicanálise. Parece também ser um elemento significativo na travessia de se tornar mulher no campo, pois como vimos no capítulo anterior, a maternidade é vista “como um destino natural para as mulheres” (Esmeraldo, 2002). Buscamos, então, investigar seu significado para estas entrevistadas.

b) Relação com o estudo e o trabalho

Esta categoria reflete o que vem acontecendo nos espaços rurais diante das mudanças econômicas e sociais, que têm levado as mulheres do campo em direção à esfera pública, por meio do estudo e do trabalho. Dessa forma, nosso interesse

foi verificar como essas mudanças têm afetado a vida subjetiva das mulheres de Janela das Andorinhas por meio da relação com o estudo e o trabalho.

c) A experiência de ser mulher

Esta categoria diz respeito ao significado e à experiência de ser mulher para cada entrevistada. Assim, procuramos investigar como essas mulheres do meio rural vivem essa experiência nas suas relações familiares, comunitárias, etc.

d) A feminilidade

Com esta categoria buscamos verificar o que para as mulheres dessa comunidade significa ser feminina, que características atribuem à feminilidade.

e) Cisão entre o dito e a experiência

Esta categoria surgiu de uma primeira leitura do material da pesquisa de campo, sendo, portanto, uma categoria empírica que resultou da constatação de uma contradição entre o dito e o vivido que aponta, talvez, para existência de um conflito.

5.2. Entrevistadas

Realizamos 14 entrevistas com mulheres na faixa de 18 a 52 anos. Havia no total quatro entrevistadas solteiras, sendo três com idade em torno de 18 anos e uma única com 32 anos. As outras dez entrevistadas eram casadas. Nove se casaram e tiveram filhos ainda muito jovens. Apenas uma era casada e não tinha filhos. Além disso, constatamos que sete atuam majoritariamente no âmbito doméstico, ainda que em determinadas situações realizem ocupações complementares como o trabalho em casa para confecções, artesanato e vendas de produtos. Há ainda cinco entrevistadas que conseguiram um emprego fora do lar, três delas trabalham em creches/escolas e duas na área da saúde. Com relação ao estudo, há um total de cinco entrevistadas com o segundo grau completo e existe

ainda uma jovem que o está terminando. As outras entrevistadas tiveram muito pouco acesso ao estudo.

5.3. Análise das entrevistas

Apresentamos, de início, uma descrição comparativa entre a “roça antiga” e a “roça de hoje” presente no depoimento de uma entrevistada (C., 34 anos), que se refere justamente às transformações que vêm acontecendo no espaço rural e apontam para uma série de mudanças em que se combinam os valores tradicionais do campo com os valores urbanos.

“roça antiga”

O sonho era casar e ser mãe

Na minha época de jovem a roça era tudo igual

Ninguém tinha mais do que o outro.

Ninguém tinha muito.

Tudo era mais simples, se vestia mais simples.

Na minha época ainda existia folia de Reis.

Mas quando fui estudar lá [na cidade] senti uma diferença enorme

Isso porque o ensino aqui é um pouquinho mais devagar

Antigamente as mulheres estavam acostumadas a não pedir as coisas...

Assim, ser dependente. Às vezes, até de querer uma coisa, mas aí não pode, então deixa engolia muitas coisas. Ficava magoada de tanto que eu queria uma coisa, deixava passar

“roça de hoje”

Hoje eu vejo as meninas com 18,19 anos estudando, fazendo planos, trabalhando fora.

Hoje em dia já tem que ver,

que isso aqui não usa, que isso aqui é feio.

Todo mundo quer acompanhar a moda, quer ter uma aparência

Todo mundo mora, mas quer ter uma casinha melhor.

Todo mundo tem vontade de ter as coisas.

O pessoal trabalha pra dar tudo aquilo que nem poderia dar.

Os valores são outros.

Mudou tudo, só vai na cabeça as coisas modernas, coisas da televisão, é o funk.

Hoje em dia tem mais comunicação, não é tão aquela roça antiga. Já sabe mais as coisas.

Hoje em dia têm mais coragem de falar, brigar pelos direitos

Hoje em dia, as mulheres ficam revoltadas porque não

consegue isso, não consegue ter aquilo, porque tudo é muito caro.

Aquela vontade de ter uma coisa e, às vezes, não pode, uma reforma na casa.

Consideramos importante apresentar esse quadro inicial, na medida em que representa bem o cenário de mudanças que vêm ocorrendo nessa comunidade rural, e que têm acarretado repercussões subjetivas para as mulheres de Janela das Andorinhas. Assim, na “roça antiga”, acreditava-se que o destino feminino era casar cedo e ter filhos. A vida das mulheres estava centrada na esfera doméstica,

incluindo o trabalho na lavoura. Elas eram valorizadas pela postura subserviente cuja característica principal era a obediência, ou seja, ausência de direito à reclamação. A “roça antiga” era mais simples, não havia referência a objetos de marca, as pessoas se vestiam de forma similar e as casas também eram simples. Além disso, havia determinados costumes como a festa da Folia de Reis que se contrapõe à nova realidade trazida pela modernidade (“as coisas modernas”: televisão e o funk).

Ainda que, em grande parte, o cenário da roça antiga prevaleça, novos valores a ele vêm se somar por meio atualmente da importância dada ao estudo, a objetos de marca, envolvendo os preceitos da moda, e à televisão. Observamos então a penetração dos valores provenientes da sociedade de consumo na comunidade de Janelas das Andorinhas, o que acarreta efeitos subjetivos significativos. Assim, C.¹⁰ (34 anos) refere-se à sua experiência de ser mulher como complicada, apresentando um certo mal-estar na medida em que deseja “acompanhar o ritmo das mudanças”, e carrega o sentimento de “ter ficado pra trás”. Sua vida está centrada no âmbito doméstico, no entanto, lamenta não ter continuado os estudos e hoje ter uma profissão. É então dentro do contexto de mudanças explicitado por C. que partiremos para análise das entrevistas.

1) Maternidade

Ser mãe não é nada fácil, eu tenho que acertar 100%. (S., 26 anos)

Ainda que estejamos diante de diversas histórias singulares no que se refere ao significado e à relação com a maternidade, observamos nos diferentes relatos várias características comuns. Há, assim, uma proximidade maior na fala das mais velhas em relação à experiência da maternidade na medida em que se referem à facilidade e à satisfação vivida no processo de criação dos filhos. Esse tipo de narrativa situa-se na contramão do depoimento das mais novas, no qual notamos um certo desconforto com a maternidade devido à insegurança e ao aumento da carga de trabalho.

¹⁰ Entrevistada cujo depoimento serviu de material para a construção da descrição comparativa.

Quando eles é pequeno, você manda, eles fica no domínio da gente,..., criei meus filho com bastante facilidade. ... Eu levava pra roça, arrumava um balaio, botava na sombra, debaixo da árvore e ia trabalhar. Parece que a gente era feliz, mesmo com a dificuldade (de dinheiro), vivia feliz ainda. Era gostoso, era bom (L., 51 anos).

Eu era muito nova, eu tinha 16 anos, foi uma surpresa, mas eu acho que me dei bem e me saí bem como mãe. Eu soube criar meus filhos. (...) Hoje em dia, as pessoas têm que ter um adulto mais velho, dando umas instruções, senão, não vai pra frente. Hoje em dia, tem até um tipo de curso, não tem? Minhas netas foram criadas comigo também, tudo passou por minha mão (E., 52 anos).

Mas eu mesmo cuidava do neném, gostava do neném. Ela era miudinha, o pessoal ficava falando que ela não ia criar, ela era chorona. Mas eu falava: “Eu vou conseguir...” (T., 40 anos).

As entrevistadas mais velhas são mulheres fortes que sentem que tiveram sucesso na experiência da maternidade. Vários são os fragmentos que apontam a experiência de ser mãe como algo mais próximo delas, em que não é necessário recorrer ao conhecimento externo e de especialistas. Além disso, ser mãe lhes confere um lugar de poder, que lhes assegura um certo domínio sobre os filhos. Esse tipo de depoimento contrasta com o relato das mães mais novas as quais apresentam uma certa insegurança e uma postura ambivalente.

Ser mãe...ser mãe foi muito bom, mas é uma coisa que te priva de muita coisa. Primeiro você... às vezes você... tende a fazer em menos tempo, você vai levar um pouco mais, porque você tem que dar atenção aos filhos, ao colégio do filho, quando ele é pequenininho...Ser mãe é muito bom, é maravilhoso, mas com restrições, tem tanta coisa que a gente até esquece da gente, ...(R., 30 anos).

Na época, ser mãe foi muito legal. Eu tinha 18 anos...Eu fiquei com medo, era muita responsabilidade, mas eu queria fazer tudo, gostava de lavar roupinha e minha mãe brigava. Eu acho que não me arrependo não. Até hoje, é complicado... Ter filho é complicado porque aumenta muito a carga de trabalho. Eu acho difícil pôr rotina em criança (S., 26 anos).

Lá em casa, eu acho que nem sou muito mãe delas, eu sou mais irmã porque eu converso mais com elas, apesar de que a gente briga muito (E., 30 anos).

Ah, foi assim bem complicado. Às vezes eu comento com as meninas, é bem difícil. Quando a gente é nova, a gente não pensa muito no futuro. Hoje em dia, que eu paro pra pensar, eu vejo as meninas com 18, 19 anos estudando, fazendo planos, trabalhando fora... Eu não cheguei, com 18, eu já tava casada, já tinha um filho de seis meses. Então foi tudo muito rápido... Assim, a gente deixa de ser criança, adolescente, aí já passou a ser mulher-mãe. Foi tanto compromisso que parece que amadureci meio depressa assim (C., 34 anos).

Atentamos para a fala de R. que se refere à experiência da maternidade como sendo muito boa, mas logo se contradiz, afirmando ser uma função que priva muito; quer dizer, ao opinar, aparecem mais as limitações em relação ao ser mãe do que a referência a uma experiência de satisfação. S. também diz gostar desta experiência, mas que é complicado porque aumenta a carga de trabalho e exige a responsabilidade de educar os filhos. Da mesma forma, C. afirma ser uma experiência complicada, pois implica em muitos compromissos, razão pela qual diz ter amadurecido depressa. Assim relata ter sido mãe muito nova e, ainda que sonhasse com o casamento e a maternidade, constata que não foi possível dar continuidade aos estudos e ter uma profissão como imaginara, apresentando um sentimento de inveja em relação às meninas que hoje estão estudando e fazendo outros tipos de plano que não incluem a maternidade. Apesar de as entrevistadas mais novas referirem-se à satisfação em ser mãe, ao descreverem essa experiência relatam mais o desconforto, não explorando seu lado positivo.

Observamos também a presença nas diversas narrativas das mães mais novas da interferência do discurso parental nas suas escolhas pelo casamento e pela maternidade, apontada nos diferentes relatos, como demonstra a fala de R. que ficou grávida solteira e cuja mãe cobrava dela uma família. Supostamente repetindo a fala de sua mãe, R. diz:

Assim, uma família, porque ...como é que é agora vai ter um marido. Todo mundo que se aproximar de você vai querer só te usar, transar com você e te largar de lado. Te botar outro filho na barriga e te deixar por aí...(R., 30 anos)

E de fato seguiu a orientação materna, como demonstra a seguinte fala:

Até porque, pra sair da casa da minha mãe, pelo menos pra parar com isso, fui morar com o pai da minha filha. E! pai da minha filha não, porque ele não é pai da minha filha (R, 30 anos).

Do mesmo modo, S. conta que tinha se aproximado de um rapaz e o pai obrigou-a a casar:

Ele acabava proibindo muita coisa. Se meu casamento não tivesse dado certo, a culpa seria dele, porque como você vai falar com uma pessoa de 17 anos, que está paquerando, pra ela casar...Não, eu pensava em morar sozinha pra poder estudar. Ele não achava legal estudar, ..., que mulher era pra casar e ter filhos (S., 26 anos).

De maneira semelhante, E. refere-se ao receio de contar para o seu pai que estava grávida e aborda a experiência do seu primeiro casamento:

Porque eu fiquei grávida muito nova, 16 anos. Pra mim foi um choque, eu tava acostumada com criança, mas aí você fica assim, será que meu pai vai brigar? Será que não? Mas depois que o papai descobriu e tava tudo bem... (E., 30 anos).

Me sentia como se eu tivesse dentro de uma cadeia, porque eu não podia sair para lado nenhum, Não podia sair porque ele tinha muito ciúme de mim. Eu não podia sair, ele tinha ciúme do meu pai. Eu não podia conversar com ninguém, não podia ter uma amizade, nada. Era só mesmo viver em função dele e das meninas... (E., 30 anos).

Dizia brigar muito com o marido e queria se separar, mas a mãe pedia para perdoar e continuar com o casamento, até que um dia foi a própria mãe quem brigou com o genro:

Aí minha mãe falou para ele: “Agora quem não quer mais você aqui sou eu. Pode arrumar sua roupa e ir embora... Aí eu tive que trabalhar e minha mãe ficou cuidando das minhas filhas...”.(E., 30 anos)

Da mesma forma que R. aproximou-se de um rapaz conhecido da família com o qual diz “ter feito um arranjo” (maneira como se refere ao casamento com ele), seguindo assim a orientação de sua mãe pelo casamento, S. também segue a orientação do pai pelo casamento e pela maternidade; ou seja, mesmo que já tivesse em mente a idéia de dar continuidade aos estudos, acabou privilegiando o casamento e a maternidade, categorias que, na fala paterna, dizem respeito ao próprio destino da mulher (“foram feitas para casar e ter filhos”).

Destacamos também a participação dos pais nas escolhas de E. no que se refere à questão do casamento e da maternidade, como também da separação. No seu primeiro casamento, teve três filhas, no entanto garante que não foi uma experiência boa, seu marido não a deixava sair de casa, vivendo totalmente em função dele e dos filhos. Interessante observar que E. só conseguiu romper com esta situação e separar-se após consentimento de sua mãe. Saiu então em busca de um emprego para poder criar suas filhas. Nesse período, sua mãe passou a cuidar dos netos, como faz até hoje. Daí, seu comentário de que se sente mais como uma irmã do que como uma mãe.

É significativo notar que em nenhum momento na narrativa das entrevistadas mais velhas aparece qualquer referência à fala dos pais. Elas

assumem o lugar da maternidade prontamente, colocando-se em uma postura de poder e saber em relação ao cuidado e à educação das crianças. Não há dúvida ou contradição nas suas escolhas, como também não há nenhuma referência ao estudo, diferentemente da postura das mais novas que relatam a maternidade como uma experiência boa, mas complicada, referindo-se muito mais às limitações e ao trabalho do que à satisfação de ser mãe.

Todas as entrevistadas tornaram-se mães muito jovens (entre 16 e 18 anos), no entanto, somente na narrativa das mais novas que surge a referência ao estudo. A opção, contudo, que prevaleceu para elas foi o casamento e a maternidade, em consonância com o discurso parental, ou ainda, arriscamo-nos a afirmar, em consonância com o discurso social que prevalecia em Janela das Andorinhas. Salientamos, então, a importância do discurso dos pais e do discurso social no processo da menina rumo ao tornar-se mulher, que, nessa comunidade rural se fazia representar pela seguinte travessia: “a gente deixa de ser menina, adolescente, aí passou a ser mulher-mãe” (C., 34 anos, mãe aos 17 anos). Esse cenário, entretanto, vem se modificando nos dias de hoje, pois as entrevistadas de 18 não são casadas ou têm filhos. O projeto maior dessas jovens é estudar e trabalhar, como veremos na análise da próxima categoria.

Assim, de um lugar semelhante ao modelo freudiano em que a experiência da maternidade ocupava um lugar central na vida subjetiva da mulher enquanto um desfecho do desenvolvimento da sexualidade da menina, observamos também nessa comunidade rural a presença desse tipo de produção discursiva em que a maternidade refere-se a um lugar central na vida psíquica das mulheres. No entanto, atualmente começam a surgir outros caminhos para o desenvolvimento da sexualidade feminina em que se lança mão de uma gama maior de recursos simbólicos por onde se ampliam as saídas subjetivas para as mulheres de Janela das Andorinhas.

Analisamos a narrativa das entrevistadas mais velhas que ressaltam a experiência de prazer com a maternidade, afirmando ser este um lugar de poder, que lhes confere um certo status social; diferentemente do cenário atual em que as entrevistadas mais novas vivem a experiência de ser mãe de forma mais conflituosa. A maternidade representa uma categoria significativa, mas junto a isso, elas estão em contato com outras formulações discursivas, próximas dos valores urbanos, que introduzem novas direções para o desejo feminino.

2) Relação com estudo e com trabalho

eu queria fazer curso de enfermagem, pra vê se depois eu consigo arruma um serviço, pra mim consegui pagar minha faculdade de enfermagem.(T., 18 anos).

As mulheres rurais em Janela das Andorinhas – assim como nas diferentes regiões brasileiras – sempre trabalharam, no entanto, esta ocupação era tida como uma ajuda inserida em um determinado tipo de organização familiar que vigorou desde os tempos coloniais até os dias de hoje.

As mulher fazia junto com os homem. Tudo que os homens fazia na roça...Eu mesmo fazia junto com eles. A gente cavava a terra, roçava, plantava, molhava,...(J., 52 anos)

Grávida, eu tinha que trabalhar colhendo tomate, com aqueles tomates na barriga..., eu trabalhei muito na roça, colhendo tomate, mexendo com veneno. A gente trabalhava muito, mas parece que a gente vivia mais contente que hoje. (L., 52 anos)

Era em casa e na roça, em casa e na roça, sempre trabalhando assim. Qualquer serviço que meu marido ia fazer, eu sempre trabalhava com ele. Fizemos uma carrocinha pra levar as crianças pra roça,...Eu sempre gostei de trabalhar na roça...(E., 52 anos)

As entrevistadas colocam que trabalhavam na roça junto com os maridos e gostavam do que faziam, ainda que algumas se queixassem da quantidade de afazeres. A relação das mulheres de Janela das Andorinhas com a lavoura era prazerosa, mesmo que seu trabalho significasse uma ajuda para a organização familiar.

Diante do cenário de mudanças econômicas e sociais nos espaços rurais, porém, esse tipo de organização vem se modificando, como também a relação da mulher rural com o estudo e o trabalho. Constatamos a luta feminina pelo reconhecimento de sua condição de trabalhadora e de sua atuação na esfera pública. Assim sendo, atualmente, as moças em Janela das Andorinhas investem mais no estudo com objetivo de obter um emprego, não se atendo exclusivamente à referência da vida no campo como as mais velhas. Elas realizam outras ocupações e se posicionam de outra forma em relação à esfera do trabalho. Como fruto dessas mudanças, gostaríamos de apresentar a concepção das entrevistadas mais novas sobre o comportamento das mulheres mais velhas e a diferença em relação a elas hoje.

Eu acho que, antigamente, as mulheres trabalhavam muito, principalmente na roça, porque elas tinham que trabalhar o dia inteiro na roça. Quando chegava em casa, tinha que cuidar dos filhos porque o marido achava que pagava a conta e tava resolvido o problema. Minha mãe era assim. Hoje em dia não. Eu acho que eu trabalho tanto quanto meu marido. Ele dá importância pra mim na agricultura. Ele valoriza o meu serviço.

A minha mãe era aquela coisa: o marido manda e a mulher obedece... Quem decidia plantar era sempre o homem, quem tinha o poder sobre o carro era o homem, ... A mulher não tinha valor, a não ser para ser mãe. Era tipo um regime, mesmo, militar. Eu acho que isso foi mudando, pelo menos comigo não funciona assim. (S., 26 anos)

Geralmente era colocado na cabeça da menina [mulheres tinham que ser para cuidar do marido e dos filhos], de pequena era assim e pronto acabou. Tanto que os pais não achavam interessante as filhas estudar. “Estuda pra quê? Se lavar roupa e cuidar de marido não precisavam estudar....Estudar pra quê? Pra escrever carta pra namorar! Não precisa escrever nada não. Era assim, agora não, agora tem que estudar. (R., 32 anos)

Agora acontece, as da minha geração vai (no campo de futebol). Mas as da minha mãe, não podia ir porque era feio. A mulher tinha que mostrar que era do lar, que era boazinha, que era voltada pra família, que só tinha olhos pro marido, pros filhos. Ela vivia, praticamente, em função dos outros. (J., 25 anos).

Na concepção das entrevistadas mais novas, as mulheres só tinham valor na condição de mães. Esse era o discurso social embutido “na cabeça das meninas”. Nele o estudo não tinha utilidade, uma vez que a referência central da mulher estava voltada para o âmbito doméstico. Assim, as mulheres deveriam ter um comportamento subserviente e sua vida deveria girar em torno de sua dedicação à família. A mulher, portanto, antigamente em Janela das Andorinhas, vivia em função do marido e dos filhos. Essa é a representação que as entrevistadas mais novas relatam de suas mães, ressaltando, dessa maneira, a postura de dependência do homem; diferente da postura delas que desejam ser mais independentes, ter o seu dinheiro, um emprego e estabelecer uma outra relação com o trabalho na lavoura:

Depois, quando eu casei, eu fui trabalhar na lavoura mesmo. Meu esposo não queria, mas eu achava importante. Ele não queria que eu ajudasse ele, mas eu gosto de ter o meu dinheiro. A gente é meio sócio. Eu acho que tem que ser...Eu acho que a mulher tem que ser independente. Eu participo desde a planilha: o que vai plantar, qual área que vai usar, a gente sempre senta e conversa junto. Como a planilha de casa, a gente sempre faz junto. O cheque é conjunto, nossa conta é conjunta. (S., 26 anos)

Elas trabalham na lavoura...mas o dinheiro é dividido, não trabalham pro marido, elas trabalham pra elas...(C., 32 anos)

Eu arrumei serviço num Colégio lá na Chácara do Paraíso. Aí, eu estudava de manhã, saía do colégio correndo e ia pra esse trabalho. (J., 26 anos)

Eu achava muito chato ficar aqui, dependendo dos meus pais pra tudo. Eles tinha dificuldade. Eu achei que melhor tentar a vida de outro jeito, trabalhar. Mas pra trabalhar, a mamãe só deixava ir se eu estudasse. Aí, eu tinha que estudar à noite e não dava pra vir pra cá. (Ja., 25 anos)

Mas eu acho bem legal porque assim porque em vez de você ficar sabendo só as coisas que você estuda, você fica sabendo as coisas que acontece no mundo todo, que os professores falam, todo mundo conversa um com o outro. (T., 18 anos)

Diferentemente do que acontecia com a geração anterior para a qual o trabalho estava inserido no contexto familiar, há o predomínio de uma outra relação com o trabalho (assalariado e individualizado), o que tem contribuído para um novo posicionamento subjetivo das entrevistadas mais novas; quer dizer, possuem uma postura mais individualizada, por onde buscam dar vazão a diferentes desejos, dos quais destacamos o de terem maior autonomia, participação e reconhecimento. Isso se dá de acordo com a experiência de cada uma, ou seja, uma entrevistada participa como parceira junto ao marido de todo o processo da lavoura, outras saem em busca de emprego para não ficarem dependendo dos pais (ou marido), ou ainda, desejam dar continuidade aos estudos e fazer uma faculdade fora da comunidade. Nesse sentido, constatamos que as mudanças econômicas (agricultura em crise) e sociais (penetração dos valores modernos) na comunidade de Janela das Andorinhas propiciaram mudanças subjetivas nas mulheres na medida em que elas investem mais em si e buscam uma forma de vida mais independente, que não a exclusiva dedicação à organização familiar rural, onde tinham uma posição de total dependência do marido.

Assim, tem se dado a inserção das mulheres dessa comunidade na esfera pública, antes ocupada predominantemente pelos homens. Com efeito, as mulheres do campo costumavam ficar “entre a casa e a roça”, sem sair da posição de quem vive em função da família e que obtêm poder na esfera doméstica. Entretanto, novas possibilidades têm se anunciado no novo horizonte.

Traçando diferentes destinos dos de suas mães, as entrevistadas mais novas referem-se às mudanças em seus trajetos e opções por razões distintas.

Referem-se ao exemplo da figura paterna, aos sentimentos de raiva e revolta devido à educação rigorosa que receberam dos pais e ao próprio desejo de independência e autonomia como elementos fundamentais que contribuíram em suas diferentes escolhas:

Eu me espelhei em meu pai e o Ocimar. Ele também saiu daqui novo, foi pra Viçosa... Ele sempre falava que foi a melhor coisa que aconteceu na vida dele quando ele saiu pra andar com as próprias pernas. Eu achei isso legal pra caramba. Se eu fosse ficar pensando: “Ah, coitadinha da minha mãe! Como é que eu vou deixar ela! Como é que eu vou me virar sem minha mãe pra fazer comida pra mim?”, eu acho que eu tava nessa vida até hoje. E meu pai também. Ele nunca teve oportunidade, quando era mais novo de estudar... Depois que a minha irmã nasceu, que meu pai foi fazer uns cursos, que conseguiu estudar um pouquinho. Foi depois de velho. Isso, pra mim, foi um exemplo. (Ja., 25 anos)

Em casa, eu sempre ajudei, molhava, capinava, alguma coisa...Eu fui crescendo e meu pai trabalhava com flor na época. Então era serviço mesmo pra mulher fazer: montar os arranjos...A gente ia vender. Eu achava um barato vender, ia pra praia, ficar uma semana. Depois, quando eu casei fui trabalhar na lavoura,... eu gosto de trabalhar na lavoura, com orgânico então é um sonho. (S., 26 anos)

Eu ficava assim, porque eu não saía, não ia pra lugar nenhum, aquilo ia me dando uma revolta, uma agonia. Eu falava, brigava que ia trabalhar...Eu evoluí, porque eu terminei de estudar. Eu sempre quis estudar, porque eu quero ter o meu dinheiro e vou poder sair. Aí comecei a trabalhar lá no Vale dos Pinheiros em uma creche. (S., 18 anos)

Eu pensava em terminar meu estudo, em arrumar um serviço...porque sempre morei aqui, eu era muito presa, quase não saía muito. Nisso tudo eu pensava. (J., 26 anos)

Ja. afirma ter se “espelhado” na figura de dois homens que a estimularam a caminhar com suas próprias pernas e sair em busca do seu desejo. Nesse sentido, chama-nos atenção a referência ao pai, em quem pode se identificar, autorizando-a a *sair* da comunidade aos 16 anos para trabalhar e não ficar na posição de quem “depende dos pais”. Da mesma forma, S. conta que na adolescência ajudava seu pai no trabalho na lavoura (principalmente com flores), dando continuidade a essa herança paterna e encontrando o seu próprio caminho dentro da agricultura (trabalha com orgânico). Destacamos o processo de identificação ligado à figura paterna, favorecendo essas entrevistadas a ocupar o lugar de sujeito e traçar percursos singulares para sua existência.

Há ainda outras entrevistadas que se referem à dificuldade encontrada por elas diante da educação rigorosa (“mais presa”) que receberam dos pais, sendo esse o motivo para sair em busca de um emprego, ganhar seu dinheiro e alcançar

maior autonomia e independência. Assim, passaram a ter maior liberdade, podendo sair de casa e não ficar restritas ao âmbito doméstico.

De fato, as moças em Janela das Andorinhas têm outras ocupações como o trabalho com confecção (corte e costura), venda, artesanato e outros empregos fora do meio rural. No entanto, continuam exercendo suas atividades no âmbito doméstico, e, nesse sentido, acumulam os afazeres domésticos com a nova inserção no espaço público.

Eu fazia lacinho para uma loja. Era bom porque eu cuidava do meu serviço em casa e tinha esse servicinho que dava que dava pra mim ganhar um dinheirinho. Eu trabalhei durante sete anos pra essa loja. (Jo. 32 anos)

Na horta, em casa, na confecção,...Eu também fazia pizza pra fora, fazia aqui e saía vendendo...Tem que fazer um pouquinho de cada coisas... (E., 30 anos)

Hoje em dia as meninas são mais pra estudar, arrumam serviço na cidade. (G., 23 anos)

Este é o novo cenário em que se esboçam novas experiências subjetivas que vêm se somar às experiências antigas para as mulheres de Janela das Andorinhas, isto é, ainda que algumas entrevistadas estejam referidas ao âmbito doméstico, junto a isso, exercem outras atividades por meio das quais ganham o seu dinheiro.

Fica bem clara nas diferentes narrativas das entrevistadas mais novas a representação que possuem das mulheres mais velhas, e que fazem questão de se contrapor e se diferenciar. Assim, parece haver um processo de desidentificação em relação à geração mais velha, apontando provavelmente para dificuldade de identificação das entrevistadas mais novas com suas mães e apresentando como saída um processo de identificação com o universo masculino e com material simbólico próximo dos valores modernos. Dessa forma, o que as entrevistadas hoje almejam em Janela das Andorinhas faz parte dos valores atuais de nossa sociedade, representados pelo desejo de ter maior liberdade, autonomia e independência.

Com efeito, constatamos uma mudança de posição subjetiva, na medida que antes o trabalho feminino estava inserido no contexto familiar, diferente de hoje que se tornou mais individualizado, no sentido de que as entrevistadas trabalham para elas mesmas, ou seja, o trabalho se tornou uma referência para elas, diante da qual desejam se colocar como parceiras do marido (dividindo as

responsabilidades e o dinheiro nos assuntos da lavoura), ou ainda, almejam obter um emprego e investir nos estudos. O que aponta para uma ampliação do campo de investimento libidinal das entrevistadas mais novas com a formulação de novos desejos, introduzindo assim diferentes caminhos subjetivos às mulheres mais novas em Janela das Andorinhas do que o caminho tradicional do campo de se tornarem mães.

3) Experiência de ser mulher

...Eu tenho que me desdobrar (E., 30 anos).

A exposição das entrevistadas indica uma produção discursiva heterogênea em relação à experiência de ser mulher, o que nos remete à singularidade do percurso e da construção de cada sujeito no que envolve o processo de se tornar uma mulher. Ainda assim, conseguimos encontrar traços em comum ao longo das entrevistas. É então instigante pensar a coincidência da fala de quatro entrevistadas (com idades diversas) que afirmaram de diferentes maneiras que ser homem deve ser melhor do que ser mulher.

Eu, se fosse pra mim escolher, eu jamais escolheria ser mulher. Eu queria ser um homem, porque eu acho que o homem trabalha menos que a mulher. Se o homem tá na lavoura, ele acabou o serviço dele na lavoura, ele toma um banho e vai descansar. A mulher não, ela trabalha em casa. Ela trabalha pra fora, e chega em casa à noite tem que trabalhar o dobro... É muito difícil ser mulher. (E., 30 anos)

Na outra encarnação, eu juro que não vou vim mulher mais, vou vim homem, com “piru” no meio das perna (L., 51 anos).

Antigamente as mulheres era assim só serviço de casa mesmo, e cuida da casa e dos filhos, hoje não, hoje já tem, pode fazer qualquer serviço, trabalha numa empresa, trabalha fora de casa hoje é mais fácil...,mas pra gente que mora aqui acho que ser homem seria melhor..., porque é mais fácil pro homem sair daqui pra trabalhar,...(G., 21 anos)

Vou explicar. Eu sinto que é bom ser mulher, mas também tem hora que é muito puxado. Eu sou feliz que eu sou mulher, mas se eu fosse um homem, eu acho que eu ia ser muito mais feliz assim, que ia ter possibilidade de sair mais. Eu, com a minha idade, eu poderia sair, não precisava ficar obedecendo pai e mãe. (T., 18 anos)

...acho mulhé tem uma vida sofrida, desde menina já sofre. Porque tadinha, já nasce aí a mãe fica falando, não é que filho homem não tem que ter cuidado, mas aí a filha mulhé tem que se preocupá, ... Acho que é legal ser mulhé, mas tem

umas partes que é esquisita assim, porque mulhé tem que se preocupá com tudo...se preocupa se você tivé filho, tem que se preocupá com filho, se preocupa com casa, e acho que homem não se preocupa muito assim com isso, assim não...Ah, porque o homem assim, até pra andá o homem assim é menos visto, mulhé é tudo vista, se mulhé fizé uma coisa, nossa você viu o que aquela mulhé fez. (T., 18 anos)

As entrevistadas referem-se à preferência em ser homem, porém por razões distintas como o fato de o homem trabalhar menos, ter menos preocupação e tarefas, ou ainda por ter maior liberdade e ser menos controlado. Parece também que a liberdade e autonomia estão estreitamente ligadas ao movimento de sair: sair para trabalhar, estudar, passear, ou ainda, sair do controle dos pais. Sair é permitido aos homens, sendo consideradas “as mais saidinhas” (G., 21 anos), aquelas que rompem com o discurso social vigente e freqüentam, por exemplo, o campo de futebol, o bar ou a sauna, lugares tidos como masculinos. Nesse sentido, *sair* – para a mulher dessa comunidade rural – possui implicações subjetivas importantes, não se constitui uma tarefa fácil, e talvez possa explicar o desejo de ser homem, aquele que pode sair, tem liberdade para ir e vir.

É extremamente curioso constatar que sempre em comparação com a experiência do homem que surge a concepção de ser mulher nas diversas narrativas. É nesse sentido que T. cita então inúmeras desvantagens, como “ser mais presa”, “ser mais vista”, “ter a vida mais sofrida” e “causar maior preocupação”, anunciando dessa maneira uma certa representação de mulher que se contrapõe à representação do homem em que se destacam elementos como “despreocupação”, “moleza”, “diversão”, e, principalmente, a aquisição de liberdade e de autonomia. Essas duas últimas vantagens usufruídas pelos homens coincidem com os pressupostos modernos individualistas de nossa sociedade atual e também estão em consonância com o que as entrevistadas almejam, relatadas nas diversas narrativas. Entendemos a preferência feminina em ser homem, ligada ao desejo de ter maior liberdade e autonomia. E nesse sentido essa preferência não se traduz por uma demanda fálica de quem está em busca de poder. As entrevistadas não parecem interessadas em adquirir um lugar de poder, da mesma forma que o homem não é visto por elas como aquele que detém o poder, mas como aquele que tem direito à liberdade e ao descanso, diferentemente delas, logo o que invejam nos homens não parece ser o poder fálico.

A mulher não tem descanso pra nada. Ser mulher é muito cansativo. Você está diariamente preocupada com alguma coisa, se você tá fazendo uma coisa, você tá preocupada com o café pronto...O homem não tem toda essa preocupação...A mulher não, ela tem que se preocupa se vai deixar o almoço pronto, o café,...(L., 51 anos)

Ser mulher é muito chato. É muita responsabilidade. O homem é aquele trabalho e pronto, chega em casa, vai descansar. A mulher não é assim. É isso que eu acho que é desigual ainda. (Ja., 25 anos)

Eu acho que a mulher tem muita responsabilidade. Talvez tem mais que o homem, eu não sou homem pra saber. Mas pelas coisas que a gente vê, porque a gente tem compromisso o tempo todo. O homem, sei lá, tem aquele tempo de lazer. Eu tiro pelos meus irmãos. “Ah, hoje eu não vou fazer isso, hoje eu vou andar um pouco, vou em tal lugar.” E a gente não, a gente tem aquele compromisso direto. (Jo., 32 anos)

Todos os dias. Nessa parte, eu acho que mulher é muito sobrecarregada, porque eles chegam cansados, eles não têm aquele compromisso. (J., 26 anos)

Ser mulher é complicado. A gente que foi criado em outra geração fica querendo acompanhar o ritmo...aí a gente pensa: “Meu Deus por que é que eu fiquei pra trás?” (C., 34 anos)

Com efeito, as diversas falas apontam para a experiência de ser mulher como algo cansativo, uma preocupação constante devido aos compromissos incessantes e que não deixam de trazer efeitos subjetivos como o excesso de responsabilidade e o sofrimento femininos. No entanto, verifica também uma certa dificuldade das entrevistadas em dizer *não* aos compromissos do dia-a-dia, o que muitas vezes as expõem a uma situação de sobrecarga, mas certamente traz também um controle maior sobre a esfera doméstica.

Encontramos ainda outros relatos que vislumbram um outro olhar sobre a mulher:

Eu acho que mulher é uma coisa muito forte porque todas as mulher que a gente conversa tem muita força para fazer as coisas. Tudo elas pegam, vão fazer, têm vontade de fazer. Algumas não tem, mas muitas tem. Fala: “Eu vou pegar, eu vou fazer, eu não abaixar a cabeça. “Eu acho que ser mulher tem que ser assim”, não pode falar: “Ah, vou desanimar, vou parar”. Não. (E., 52 anos)

Pra mim, ser mulher hoje é bem melhor do que na época em que eu era mocinha. Hoje, eu trabalho, eu faço o que eu quero, eu tenho a minha casa, eu tenho as minhas filhas, eu saio a hora que eu puder sair. (T., 40 anos)

Eu sou assim, quando eu quero uma coisa, eu vou buscar. Então, eu não sei ser uma mulher doninha de casa, que acorda e fica pensando no marido e nos filhos. (S., 26 anos)

Desta forma, chama nossa atenção uma concepção sobre ser mulher mais positiva, em que se destacam elementos como a força, o querer e a persistência que norteiam a experiência dessas entrevistadas, uma mulher que sai em busca do seu desejo, desdobrando-se para alcançá-lo.

Eu tenho que fazer tudo. Eu tenho que me desdobrar. (E., 30 anos)

O processo de se desdobrar diz respeito às múltiplas atividades do cotidiano da mulher, como também à sua atitude frente à vida, no sentido de que se desdobrar significa produzir, inventar formas de sobreviver e viver. Assim, enfatizamos a maneira como algumas de nossas entrevistadas buscam maneiras de criar, *desdobrando-se* em busca de alcançar o que desejam. É interessante citar ainda a maneira como E. refere-se à sua filha: “ela é muito arrogante, eu quero dobrar ela”, chamando atenção para o alcance de uma postura mais flexível, diferente de uma postura arrogante/fálica de quem não se permite desdobrar.

Eu acho que é inexplicável. (S., 26 anos)

Realmente, não se trata de um conhecimento a ser explicado, mas refere-se a uma experiência singular, vivida de forma peculiar por cada mulher. Assim, destacamos a travessia de uma menina na direção de se tornar uma mulher, por onde se constituem marcas psíquicas na relação com o outro, conferindo a singularidade a esse processo. Daí surge a referência ao registro da experiência, contrapondo-se ao que é da ordem da explicação. Para tal, utilizamos a noção de experiência desenvolvida por Arán, a partir do pensamento de Benjamim e da psicanálise. Arán (2001) a concebe ligada ao conjunto de traços que fazem parte da história de cada sujeito, destacando o registro dos signos da percepção, que não fazem parte do plano da consciência. Esse material é constituinte da experiência de ser mulher de forma singular.

As narrativas heterogêneas sobre a representação de ser mulher, que emergiram das entrevistas sugerem duas representações distintas para o masculino e o feminino. Ser homem estaria ligado a uma postura de vida mais descontraída com menos preocupação e com menos atribuições, possuindo, além disso, maior liberdade e autonomia, em oposição à experiência de ser mulher que se apresenta

por meio de uma vida cheia de compromissos, afazeres, sem ter tempo para o descanso e para o lazer cuja repercussão subjetiva é vivenciada pelo excesso de responsabilidade e controle.

Há ainda na narrativa de algumas a expressão do sofrimento feminino diante do conjunto de transformações sociais, na medida em que se vêem confrontadas com os valores urbanos modernos que chegam ao campo, introduzindo um novo contexto social, distante da experiência delas no dia-a-dia. Algumas entrevistadas sugerem um certo mal estar presente em suas experiências, quer seja pelo choque cultural, quer seja pelo acúmulo de tarefas e pela falta de autonomia. No entanto, há outras que lutam por sua autonomia e independência; possuem uma vida mais individualizada, estudam, trabalham fora e ganham o seu dinheiro. Parecem estar mais voltadas para si, sugerindo a presença de um campo maior de investimento libidinal (inclusive no eu), mesmo que em determinadas situações emergja uma situação de conflito no confronto entre os valores tradicionais do campo e os valores modernos urbanos. Nesse sentido, as entrevistadas não parecem estar interessadas em disputar poder com a figura masculina, não é esse o objetivo delas e sim estabelecer novas direções para o desejo e ampliar suas saídas subjetivas. O *desdobrar-se* se dá na postura de quem se deixa multiplicar e não estar fixa em um determinado papel. Surgem, portanto, outras possibilidades identificatórias em que o modelo fálico não predomina. As mulheres desejam ter maior autonomia, independência e liberdade para circular nos diversos espaços, o que podemos entender como expressão de outras saídas identificatórias distante da identidade feminina tradicional rural.

Aqui recordamos a ênfase dada por Birman (1999), ao personagem Carmem, que ele associa à mulher contemporânea, em uma nova versão para a feminilidade, na qual a postura feminina se situa longe das disputas fálicas e dos desafios entre os sexos. A mulher na atualidade encontra-se com seu desejo, podendo expressá-lo de diferentes formas. Nesse sentido, o *desdobrar-se* implica em lidar com a criatividade e a multiplicidade.

4) Cisão entre o dito e o vivido

A partir de uma primeira leitura das entrevistas, observamos uma contradição entre o dito e o vivido. Parece que a situação de conflito que a cisão aponta é fruto do confronto entre os valores antigos ainda vigentes e os novos valores modernos urbanos que chegaram à Janela das Andorinhas. O conflito foi expresso de diferentes maneiras, de acordo com a história singular de cada entrevistada. Assim, R. trabalha durante o dia e à noite estuda, delegando o cuidado dos seus quatro filhos a outras mulheres para poder dar conta dos seus afazeres. No entanto, ao ser questionada sobre a experiência de ser mulher relata de forma idealizada e, de certa forma, onipotente, uma experiência circunscrita à maternidade.

De ser mulher? Muito boa, eu gosto de ser mulher. Ser mulher é ser tudo... É dá a vida, é cuida, criá,...Mas eu acho que ser mulher é muito bom, eu me sinto muito bem em ser mulher...Gosto! A vida dos filhos ... Você cuidá dos filhos, é... Dá a vida... de criá, gerá um filho, vê ela cresce...Porque acho que um homem, ele até participa, mas ele não é tão necessário assim...(R., 30 anos).

Tal fala chama nossa atenção, pois ressalta na sua experiência de ser mulher justamente aquilo que ela não faz, isto é, cuidar dos filhos; ainda assim, em seu discurso manifesto, ser mulher equivale a ser mãe. Desta maneira, apresenta uma representação de mulher idealizada que foge ao vivido do seu dia-a-dia.

Na mesma linha de tensão em que vislumbramos a penetração dos valores modernos, vindo a coabitar com os tradicionais do campo, encontramos o depoimento de T., que apesar de manifestar o desejo de morar na cidade, apaixonou-se por um rapaz da roça, que ajuda seu pai na lavoura.

Eu queria vê se eu conseguia mudar daqui...aqui não tem muitas possibilidade de fazê as coisas assim, não tem nada de serviço...eu vou vê se eu consigo arrumá um serviço e fazê curso de enfermagem..., aí fazê estágio e vê se eu consigo ser enfermeira. Trabalhar assim...(T., 18 anos).

É bem esquisito assim, porque eu sempre desde pequena pensei: “Ah mamãe, quando eu trabalhá, eu vou saí daqui” Mas a gente não escolhe de quem que a gente vai gostá. Aí, eu gostei dele assim. Ele ajuda o pai dele na lavoura que tem problema na vista ...(T., 18 anos).

Ao que parece, o seu projeto de trocar o campo pela cidade – que ao longo da entrevista aparece de forma insistente – torna-se difícil de conciliar com sua vida amorosa, pois o rapaz pelo qual se apaixonou possui poucas perspectivas de

deixar o campo. Nesse sentido, seu projeto de mudar para a cidade, estudar e trabalhar fica na contramão do seu relacionamento amoroso.

C., por sua vez, tem por referência uma forma de vida mais tradicional, no entanto, seu relato parece estar direcionado para o novo, ou seja, parece estar endereçada aos valores modernos, sem se dar conta do seu lugar subjetivo.

Engraçado é que eu sempre tinha o sonho de casar, de ser mãe, já pensava nisso. Mas eu gostava de estudar, eu pensava de te uma profissão, de casar e continuar estudando. Depois não foi nada assim (...) eu paro pra pensar, eu vejo as meninas com 18, 19 anos estudando, fazendo planos, trabalhando fora ...Eu não cheguei, com 18, já tava casada, já tinha um filho...(C., 34 anos)

Muitas vezes, também, não vale a pena você trabalhar e pagar alguém pra tomar conta de seu filho. É tanta correria, você não tem tempo de acompanhar. Às vezes, eu falo que os filhos não dão valor, que a gente tá em casa, tá ali... Se eu tivesse oportunidade (de estudar)...É porque fica um pouco difícil, a pessoa tem tantos compromissos, meus dois filhos estão estudando, tem tanta coisa. Eu tenho que ajudar eles assim, tem o comércio do meu marido também. Às vezes, minha cunhada fica doente e eu tenho que ficar no lugar dela.... (C., 34 anos)

Nesse sentido, refere-se ao desejo de ter dado continuidade aos estudos e hoje em dia ter uma profissão. No entanto, parece que C. não percebe que sua opção maior está voltada à dedicação do marido e dos filhos, lugar do qual não abre mão, como deixa escapar em um determinado momento da entrevista.

Dessa forma, sua narrativa situa-se referenciada aos valores modernos, no entanto, no que se refere à ordem do vivido, sua vida gira em função do marido e dos filhos. Nesse sentido, por mais que em seu discurso seu desejo apareça referido ao que é da ordem do novo, sua postura está voltada para a vida doméstica. Da mesma forma, queixa-se da realização de poucas atividades para as mulheres em Janela das Andorinhas, porém quando há algum evento ou reunião C. não costuma comparecer. Nesse mesmo contexto, encontramos a narrativa de várias outras entrevistadas que se queixam do dia-a-dia de compromissos e do excesso de responsabilidade, e, no entanto, possuem uma dificuldade enorme de *sair*, de renunciar a esse lugar.

É muito difícil e eu fico me cobrando isso. Quando eu tô em casa, eu penso em parar um pouco, relaxar, dar uma voltinha com a Caroline pra distrair... Quando eu vejo, o dia passa e eu não faço...Quando a gente tá meio revoltada, pensa: “Quando chegar no Sábado, vou sair, não vou esquentar com a casa.” Mas eu não consigo. Eu não consigo ver as coisas pra fazer...(J., 26 anos).

Não sei. Elas falam que gostam de se divertir, que é ruim ficar em casa, é ruim não ir em tal lugar. Eu digo pros outros porque eu quase não saio. Digo pelas meninas, pelas colegas que a gente tem...É porque a gente acaba acostumando. Outro dia, eu tava comentando: “É, a gente tem que sair um pouco.” Por exemplo, às vezes, a gente tem que fazer uma visita em alguém ou conversar, com as pessoas da idade da gente. Mas a gente fica se prendendo, tem uma coisa, tem outra pra fazer... E você vai acabando acostumando não sair (Jo., 32 anos).

É interessante a fala de J. que se cobra “parar um pouco”, “relaxar”, “passar”, porém isso não acontece na sua experiência do dia-a-dia; quer dizer, pensa em sair e não “esquentar com a casa”, mas sua ação é contrária, ou seja, não sai e se preocupa com a casa. O que sobressai ainda é a responsabilidade com casa e o próprio desconforto/mal-estar em deixar as coisas por fazer. Da mesma forma, Jo. comenta a necessidade de *sair* um pouco, percebendo até um certo ponto que fica se prendendo aos afazeres diários. Nesse sentido, constatamos que os compromissos são uma maneira de Jo. se esquivar diante da possibilidade de *sair* e se deparar com o novo, o diferente do cotidiano doméstico.

Enfim, o discurso manifesto das entrevistadas remete de alguma forma à questão do desejo de sair de casa ou do contexto exclusivo no âmbito doméstico. No entanto, observamos na experiência do dia-a-dia que ainda é difícil ceder aos compromissos e à responsabilidade que lhes foram atribuídas socialmente e que possui um lugar subjetivo altamente significativo na vida delas.

Assim, as diversas narrativas parecem denunciar o descompasso da experiência de vida cotidiana das entrevistadas que se contrapõe aos novos discursos que se chegam por intermédio dos meios de comunicação (principalmente a televisão), do estudo e das mudanças advindas da crise da agricultura nessa comunidade; daí as falas das entrevistadas sinalizarem para uma situação de conflito na medida em que estão tendo que lidar com uma multiplicidade de valores (tradicionais do campo e modernos urbanos), mostrando-se muitas vezes confusas, sem saber como se posicionar subjetivamente diante das mudanças socioculturais que acometem a comunidade de Janela das Andorinhas.

5) Feminilidade

As narrativas de muitas entrevistadas em relação a este tópico apontam para uma mescla, em que se entrecruzam discursos sobre a feminilidade e a

concepção de ser mulher, quer dizer, as entrevistadas ao se referirem sobre a feminilidade, também comentam sobre o lugar da mulher, como podemos ver no relato de G.:

É, feminismo, é muito sei lá. As mulheres têm o lado feminino e o lado masculino. Às vezes, as mulheres vão trabalhar, isso é serviço de homem, tem nada a ver, é só, não é o trabalho... Sei lá, acho que ainda existe o machismo, de que a mulher não pode fazer certas coisas...certos serviços. Sei lá, a mulher tem que ser pra trabalha em casa. Acho que a mulher tem que fazer qualquer coisa mesmo, mostrando o lado feminino dela, não tem nada a ver o trabalho que ela faz com o jeito de ela pensar e agir, dela ser (G., 18 anos).

G. refere-se à crença em um lado feminino, ligado à maneira de ser, pensar e agir de cada mulher, de onde surgiria a feminilidade, independente da questão do trabalho. O lado feminino não estaria relacionado ao que a mulher faz, mas com o jeito de ser. Aponta também a presença do machismo, com o discurso de que o lugar da mulher deve ser em casa. Encontramos ainda diferentes concepções sobre o que é ser feminina:

Ser feminina, de uma certa parte nem é tão bom...eu acho que a mulher tem que ser reservada (E., 52 anos).

Feminina, eu acho que tem que ser uma pessoa assim, eu acho que tem que ficar uma pessoa educada, não pode desrespeitar os outros. Tudo é cobrada... eu acho que mulher é sempre essa coisa assim, toda a mulher tem vontade de ser mãe, não sei de um tempo para frente se vai mudar (T., 18 anos).

Eu acho que essa coisa delicada de mulher. Ser mulher pra mim é se preocupar com as coisas da casa.... Eu vejo como feminino isso, alimentação, vaidade (S., 26 anos).

Quer dizer, as falas das entrevistadas nos reportam diretamente à concepção tradicional de feminilidade, cujas características de ser “reservada”, “educada”, “obediente” descreveriam esse universo; isto é descreveriam como a mulher deveria se portar para encontrar sua “verdadeira feminilidade”, discurso esse forjado no decorrer do século XVIII por filósofos, médicos e moralistas. As narrativas aparecem ainda mescladas à concepção da mulher como mãe e voltada aos cuidados da casa. Esse tipo de representação se funde ao antigo modelo de feminilidade da mulher ocidental moderna. É então dentro desse contexto que entendemos a fala de S. ao referir-se sobre o feminino próximo a uma “coisa

delicada”, ligado às tarefas do cuidar, o que é ressaltado por meio da preocupação com a alimentação e com a vaidade.

Acrescentamos o relato de outra entrevistada que apresenta o feminino sob outro enfoque:

Eu tinha um professor meu que dizia que mulher se veste para outra mulher. Às vezes, o homem olha e fala que a roupa tá bonitinha, mas se a outra diz que não tá combinando. Mulher é muito reparadeira. (S., 18 anos)

A entrevistada cita uma expressão presente no imaginário social, que nos remete a uma determinada representação das relações entre as mulheres. Pensamos, então, no processo de identificação entre as mulheres como uma forma de transmitir a experiência do feminino. Dessa maneira, entendemos o dizer “uma mulher se veste para a outra”, remetido a um olhar, a um traço, a um adereço que possa fazer alguma referência à feminilidade.

Com efeito, o processo de identificação nos seus primórdios acontece no período da infância, momento em que se estabelece o encontro da menina com sua mãe e se registram os primeiros traços dessa relação, que repercutirão posteriormente na relação com outras mulheres, por onde também vão se estabelecer novas possibilidades identificatórias. Esse é um caminho pelo qual podemos pensar a experiência do feminino a partir das relações que se estabelecem na infância e posteriormente na relação com outras mulheres, pois nelas está em jogo a noção de experiência por onde inscrevem diferentes traços psíquicos, que constituem o que é próprio de cada uma.

De um outro lugar subjetivo, surgem os dizeres de R., entrevistada que se referiu à experiência de ser mulher equivalente a ser mãe, no entanto, quando descreve a feminilidade, a sua narrativa aponta um outro caminho:

Ser feminina é se gostar. É gostar de você do jeito que você é... Se vestir do jeito que você gosta. Do jeito que você acha bom. Fazer o que você gosta pra você. Se você acha que é feminino, é feminino. Não importa o que o outro acha não. Eu acho assim...

Para R. a feminilidade significa o processo de voltar para si e gostar do seu jeito de ser, introduzindo ainda a possibilidade de criação de um estilo próprio para o feminino, de acordo com cada um. Assim, continua sua narrativa:

...que não é por causa de filho e nem de marido que elas teriam que ficar dentro de casa. Cuidando de filho e da vida, acho que a vida é muito mais que isso, é muito além... que isso só também não traz felicidade completa, que se a gente tem vontade de fazer outras coisas, a gente tem que correr atrás e fazer...Porque é sempre assim... o ser humano tá sempre em busca de algo diferente, algo novo, nunca tá completo, né... Não adianta dizer “eu tô feliz por completo!!! Mentira. Pois é. O momento tá bom? Tá. Mas você tá em busca de algo novo, é do ser humano. Não adianta, não adianta (R., 30 anos).

No desenrolar de sua fala, a entrevistada dá uma viravolta na medida em que deixa de referir-se à questão do feminino voltada para a mulher, relacionando-a com a própria condição do ser humano – “o humano nunca tá completo” – momento em que constata a incompletude e a insuficiência inerente à condição humana. Sua narrativa chega como uma surpresa, pois retrata a feminilidade tal qual enunciada por Birman (1999, 2000), ligada então à origem e ao próprio fundamento do ser humano em sua qualidade de imperfeição. Esta concepção aponta para a noção de incompletude do corpo, o que possibilita o relacionamento com o outro por meio de diferentes produções eróticas. Pois é justamente a incompletude corporal que possibilita a presença do erotismo. Esse registro caracteriza-se o próprio território da feminilidade. Nele o sujeito abre mão de uma postura fálica defensiva e lida com sua insuficiência que dá abertura para olhar para si e construir “uma estilística própria de existência” (Birman, 1997).

Por esse caminho, a entrevistada reconhece a impossibilidade de se alcançar a felicidade completa e comenta sobre a constante busca do sujeito em direção a algo novo. Nesse sentido, destacamos a relação com o outro como um veículo de ter acesso ao novo e ao diferente, por onde registramos distintas experiências.

Encontramos, assim, concepções e significados diversos sobre o feminino. Partindo do modelo tradicional de feminilidade, com a qual a maioria das entrevistadas se identifica, dando ênfase à educação, ao recato e à delicadeza como características que a expressariam, surgem também narrativas referidas às relações entre as mulheres, momento em que se destaca o olhar de uma em relação à outra por onde se estabelecem identificações e referências à experiência do feminino. E de maneira tímida – mas não menos surpreendente – surge uma voz que apresenta uma outra versão à feminilidade, em consonância à produção discursiva de alguns psicanalistas na atualidade, que vislumbram na sociedade

atual uma outra maneira de se relacionar com este conceito. A feminilidade não mais estaria circunscrita a determinadas qualidades e características e nem faria parte de um desfecho do desenvolvimento da sexualidade feminina, mas apresentaria a imperfeição e incompletude inerente à condição humana. É diante dessa condição que o sujeito pode se voltar para o outro, reconhecendo a alteridade com a qual pode se relacionar de diferentes maneiras.